



### ***museu da Luz - matéria e memória***

Luz é o nome de uma pequena aldeia alentejana a Sul de Portugal (com cerca de 300 habitantes) que, devido à construção da barragem do Alqueva, para rega e produção de energia hidráulica, teve de ser deslocada para uma nova aldeia, provocando o realojamento dos seus habitantes e uma mudança radical das suas raízes. O programa de intervenção consistiu em criar o novo lugar da Igreja N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Luz, incluindo a reconstrução da igreja do século XV, a transladação do cemitério e a construção de um museu como importante testemunho de memória, destinado a manter os vínculos de identidade entre a nova e a velha aldeia.

A deslocação da aldeia da Luz é um acto de substituição, uma dupla e simultânea acção de fundação e destruição. Neste duplo processo de transformação da paisagem, a antiga aldeia permanece como embrião conceptual – uma primeira *natureza* construída durante séculos de apropriação do território e uma segunda pensada e elaborada como uma nova identidade. A fundação do lugar constituído pela igreja N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Luz, o cemitério transladado e o museu dedicado aos territórios da Luz, procura absorver numa nova situação topográfica e geográfica as analogias ao lugar da antiga Igreja N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Luz – a Igreja e o cemitério como fortes elementos identitários, pré-existências únicas e o museu como elemento estruturante do novo lugar, dotado de carga representativa da *substituição*.

O processo de desmontagem da aldeia da Luz traz à superfície indícios vários, tanto de carácter arqueológico, como antropológico, histórico e arquitectónico, que abrangem além da própria aldeia todo um território. O museu contém no seu desenho e construção a memória da fundação do vale do Guadiana, marcada por 2000 anos de manipulação da matéria, desde a ocupação Romana à actualidade. É um espaço contentor que permite armazenar, classificar e comunicar toda a informação resultante do processo de substituição, estabelecendo uma intencional cumplicidade entre a situação das *duas aldeias*.

A localização estratégica no limite do eixo nascente-poente da aldeia evidencia o seu carácter estruturante. Construir o museu em xisto aproxima-o mais à terra, ao solo xistoso e à ideia de fundação. O museu redesenha a topografia do sítio numa relação telúrica com a paisagem, reflectindo a condição de edifício como marca identitária, onde os percursos, os muros e a luz, evidenciam elementos da própria cultura da construção do território.

O espaço interior do museu completa esta leitura evidenciando um olhar particular sobre a paisagem, constituindo uma sequência de espaços ligados entre si com características espaciais próprias – átrio, sala polivalente, sala de exposições temporárias, sala da memória, sala da Luz e pátio. A sala de Luz como figura principal do museu constitui em conjunto com as chaminés de luz a única marca visível da presença do edifício na paisagem. É um espaço de luz, uma página branca preparada para a escritura de uma síntese da história do território da Luz em transformação.